

A DESCOBERTA DO FRIO: UMA ESCRITA AFRO-BRASILEIRA
THE DISCOVERY OF THE COLD: WRITING AN AFRO-BRAZILIAN

Auliam da SILVA¹

RESUMO: Nas últimas décadas, mais precisamente desde os anos 80 do século XX, aumentou o número de estudiosos que discutem a existência de uma vertente “negra” na Literatura Brasileira. Pesquisadores como Zilá Bernd, Cuti [Luiz Silva], Luíza Lobo, Eduardo Duarte, Florentina Souza, Maria Nazareth Fonseca, entre outros, vêm discutindo conceitos como “Literatura Negro-Brasileira”, “Literatura Afrodescendente”, “Literatura Negra”, ou “Literatura Afro-Brasileira”. Para o estudioso Duarte (2008), há um conjunto de “constantes discursivas” – “temática”, “autoria”, “ponto de vista”, “linguagem” e “público leitor” – que nos possibilitam pensar nessa vertente literária, a qual ele denomina de “Literatura Afro-Brasileira”. Seguindo essa linha de pensamento, buscamos compreender a novela *A descoberta do frio* (2011), do escritor afrodescendente Oswaldo de Camargo, como uma obra pertencente à “Literatura Afro-Brasileira”, por meio das “constantes discursivas” propostas por Duarte (2008). Como arcabouço teórico, utilizamos as ideias de Duarte (2005; 2008), Bernd (1988) e Souza (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Oswaldo de Camargo. Literatura Afro-Brasileira. Constantes Discursivas

ABSTRACT: In recent decades, more precisely since the 80s of the twentieth century, increased the number of scholars argue that the existence of a strand "black" in Brazilian Literature. Researchers like Bernd Zillah, Cuti [Luiz Silva], Luiza Lobo, Eduardo Duarte, Florentina Souza, Maria Nazareth Soares Fonseca, among others, have been discussing concepts like "Black-Brazilian Literature," "Literature Afrodescendant", "Black Literature", or "Afro-Brazilian Literature." To the scholars Duarte (2008), there is a set of "constant discursive" - "thematic", "authorship", "viewpoint", "language" and "readership" - that allow us to think of this strand of

¹Discente de Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Pará, *campus* de Castanhal. Trabalho elaborado sob orientação do Dr. Sérgio Afonso Gonçalves Alves, docente de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Pará, *campus* de Castanhal. E-mail: auliam.literatura@gmail.com.

literature, the which he calls "Afro-Brazilian Literature." Following this strand of thought, we understand the novel *The discovery of cold* (2011), from Oswaldo de Camargo Afrodescendant writer, as a work belonging to the "Afro-Brazilian Literature," by means of "constant discursive" proposed by Duarte (2008). As a theoretical framework, we use the ideas of Duarte (2005, 2008), Bernd (1988) and Souza (2006).

KEYWORDS: Oswaldo de Camargo. Afro-Brazilian Literature. Constants Discursive

Considerações iniciais

“No alvorecer do século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento extremamente rico em realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu *corpus*, tanto na prosa quanto na poesia, paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária – distinto, porém em permanente diálogo com a literatura brasileira *tout court*”.

Eduardo Duarte, *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*

Muitos críticos e estudiosos questionam a existência da Literatura Afro-Brasileira como uma vertente da Literatura Brasileira. Para Duarte (2008), essa literatura existe desde a Era Colonial, isto é, está presente desde o início das nossas letras nacionais. Entretanto, essa escrita afro-brasileira constitui-se de elementos que a diferenciam do conjunto de obras nacionais. E é exatamente essa questão que Eduardo Duarte se propõe no ensaio *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção* (2008). Para esse professor, há algumas “constantes discursivas” que têm servido como pressupostos para a configuração dessa vertente literária, a saber: “temática”, “autoria”, “ponto de vista”, “linguagem” e “público leitor”.

Essas “constantes discursivas”, elencados por Duarte (2008), são os elementos que nos possibilitam compreender determinada obra como pertencente à Literatura Afro-Brasileira. Contudo, esse estudioso ressalta ainda que “nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-Brasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes” (*ibidem*, p. 12). Portanto, ao analisarmos a novela *A descoberta do frio* (2011), levamos em consideração a

“temática”, “autoria”, o “ponto de vista”, a “linguagem” e o “público leitor” para, a partir da conjuntura desses aspectos, entendê-la como Literatura Afro-Brasileira.

A “temática”

Com relação ao primeiro fator, a “temática”, Duarte (2008) assinala que ela pode estar relacionada à reconstituição histórica do povo negro na diáspora brasileira, à delação do escravismo e suas consequências até a exaltação de heróis como Zumbi dos Palmares e Ganga Zumba. Ao citar as obras *Úrsula* (1859), de Maria Firmino dos Reis, *Canto dos palmares* (1961), de Solano Trindade, e *Dionísio esfacelado* (1984), de Domício Proença Filho, esse estudioso nos informa que essas obras são oportunas para repensarmos a Literatura Brasileira, pois “[...] tais textos polemizam com o discurso colonial que, conforme Fanon (1983), trabalha pelo apagamento da história, cultura e civilização existentes para alguém ou além dos limites da sociedade branca dominante” (2008, p. 13).

Tanto *Úrsula*, ao denunciar a escravidão em meados do século XIX, quanto *Canto dos palmares* e *Dionísio esfacelado*, ao reconstruir as lutas dos quilombolas por uma sociedade mais justa e desigual, nos possibilitam repensarmos nosso cânone literário e questionarmos o “discurso colonial”.

A “temática” não se circunscreve apenas a questões históricas ou políticas sobre os afrodescendentes, mas também discute as raízes culturais e religiosas da África que foram transladadas para o Brasil, “[...] destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade” (*ibidem*, p. 13). Com relação à reconstrução da multifacetada memória ancestral, Duarte (2008), destaca as narrativas de *Caroço de dendê*, *Histórias que minha avó contava* e *Contos crioulos da Bahia*, respectivamente dos autores Mãe Beata de Yemonjá e Mestre Didi, além dos poemas de Abdias Nascimento e Hermógenes de Almeida.

Achamos oportuno acrescentar que em várias obras da Literatura Brasileira há a presença de personagens afrodescendentes, contudo é importante salientar que a imagem criada, geralmente, é estereotipada – o homem negro propenso à criminalidade ou à ociosidade e a mulher negra libidínosa, compreendida muitas vezes como objeto sexual. Cuti (2010) nos informa sobre a existência de obras da Literatura Brasileira que

são influenciadas por teorias racistas. De acordo com esse estudioso, podemos perceber um velado código de princípios que “eliminam” as personagens negras. Ou elas morrem² ou essas personagens sofrem um processo de “branqueamento”³.

Duarte (2008) assinala ainda que o fator da temática negra não é único e obrigatório aos escritores afrodescendentes, pois caso isso ocorresse, “amarrados” em uma “camisa de força”, eles produziram obras visivelmente empobrecidas. Portanto nada impede os escritores brancos de utilizarem a matéria ou o assunto “negro” em suas produções. Como enfatiza desde o início do ensaio, esse estudioso alerta que a temática “afro” não pode ser considerada isoladamente, mas sim com outros fatores (principalmente com a “autoria” e o “ponto de vista”).

A temática em *A descoberta do frio* diz respeito à existência do racismo na sociedade brasileira contemporânea. A narrativa busca evidenciar a presença desse estigma que, mesmo depois da “abolição da escravatura”, ainda mantém-se diligente e operante em pleno final de século XX. Contudo, é interessante destacar que essa novela não trata o racismo de forma “panfletária”. Oswaldo de Camargo tem a acuidade de reelaborar, esteticamente, esse estigma através de uma metáfora, o “frio”; um mal que assola apenas a população afrodescendente. Com relação a esse “frio”, no fragmento a seguir, podemos perceber a presença dessa “doença” e os males que ela traz para os afrodescendentes:

[...] o negro vem encarando há muito tempo um mal que, em milhões de casos o tem levado à dor e ao desaparecimento. E ele, concreto, sopesável, já percorre alguns recantos dessa cidade. Quantos já – interrogou-se Zé Antunes – não andarão sumidos, após o ataque do frio e seus vergonhosos sintomas? (CAMARGO, 2011, p. 66).

Acreditamos que uma das propostas da obra de Oswaldo de Camargo é evidenciar a presença do racismo na sociedade brasileira, utilizando-se para isso de uma metáfora muito oportuna, o “frio”. “Doença” essa que atinge somente os(as) negros(as), fazendo-os desaparecer sem alguma explicação lógica. Portanto, pelo fato de trazer para

² Como, por exemplo, em *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha e *Negro Leo*, de Chico Anísio (CUTI, 2010).

³ Como, por exemplo, em *Os tambores de São Luís*, de Josué Montelho; *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro; além de *O Presidente Negro*, de Monteiro Lobato, no qual toda a população negra – nos Estados Unidos – é esterilizada (*ibidem*).

o palco das discussões a questão do racismo, acreditamos que a temática de *A descoberta do frio* pode ser compreendida como afro-brasileira.

A “autoria”

O segundo fator para a configuração da Literatura Afro-Brasileira é a “autoria”. Contudo, entendemos esse elemento como uma questão complexa, pois sabemos da existência de escritores que negam ser rotulados como “afrodescendentes”, “indígenas”, “feministas”, “homossexuais” etc. Preocupados com a recepção de seus textos, esses artistas entendem que os “rótulos” limitam a dimensão de suas obras e, possivelmente, seu público leitor.

Todavia, se há escritores que renegam “rótulos”, há aqueles que reivindicam para si e para sua produção literária tais denominações. Assim também ocorre com vários escritores afrodescendentes que buscam denominar suas obras como “literatura negra” ou “afro-brasileira”. Diversas coletâneas nos evidenciam isso, como *Antologia contemporânea de poesia negra brasileira* (1982), organizada por Paulo Colina; *Quilombo das palavras: a poesia dos afrodescendentes* (2000), organizada por Jônatas Conceição e Lidinalva Barbosa; *A razão da chama: antologia de poetas negros contemporâneos* (1986), organizado e selecionado por Oswaldo de Camargo; *Cadernos negros*, que desde 1978 têm produzido anualmente um volume de contos e outro de poemas, sob a organização, desde 1980, do grupo *Quilombhoje*.

Duarte (2008) entende a “autoria” como um fator importante para a configuração da Literatura Afro-Brasileira. Entretanto, esse estudioso nos alerta que “[...] a autoria há que estar conjugada intimamente ao ponto de vista. Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução *textual* de uma história coletiva e/ou individual” (*ibidem*, p. 15). Portanto, somente a cor da pele não pode ser o elemento decisivo, visto que há escritores negros que não assumem(iram) um “ponto de vista” afrodescendente. É por meio dessa ideia que não podemos compreender a obra do Castro Alves como pertencente à Literatura Afro-Brasileira, pois mesmo ele sendo afrodescendente e abordando uma temática sobre os negros, faltou-lhe o “ponto de vista”⁴.

⁴ O terceiro fator, discutido por Duarte (2008), para a configuração da Literatura Afro-Brasileira.

O fato de Castro Alves abordar os negros escravizados apenas como um segmento da população que sofria com os maus tratos e péssimas condições (sobretudo quando eram transportados nos navios negreiros), sem possibilidade de terem voz e muito menos de reagirem ao jugo opressor do branco, evidencia-nos a falta do “ponto de vista” afrodescendente nesse autor. Não estamos questionando a contribuição de Castro Alves para a Literatura Brasileira, sobretudo de um poeta canonizado pela crítica e requerido em várias “leituras obrigatórias” das universidades de todo país. A questão centraliza-se no fato de a cor da pele não ser, isoladamente, determinante para a configuração da Literatura Afro-Brasileira. Duarte (2008) entende que não podemos caracterizar as obras somente por meio da cor da pele e/ou da condição social do escritor, pois cairíamos assim em um reducionismo sociológico das obras.

Eduardo Duarte (2008) entende que a “autoria” é um elemento importante, mas traz consigo algumas dificuldades. De um lado há a problemática de se definir “o que é ser negro no Brasil”, país sobretudo miscigenado. De outro, há o posicionamento de estudiosos que defendem a ideia de uma “literatura negra de autoria branca”, como a professora Benedita Gouveia Damasceno (1988). Com relação ao posicionamento dessa professora, Duarte nos alerta sobre os perigos desse prisma, pois “[...] corre-se o risco de redução da Literatura Afro-Brasileira ao *negrismo*, entendido enquanto mera utilização da temática, como no caso dos *Poemas negros*, de Jorge de Lima” (*ibidem*, p. 14).

A par da problemática de definir a Literatura Afro-Brasileira a partir da “autoria”, isto é, questões biográficas e fenotípicas, Duarte (2008) afirma que esse elemento deve estar intimamente relacionado com as outras “constantes discursivas”, principalmente com o “ponto de vista”.

Sobre a questão da autoria de *A descoberta do frio*, informamos que Oswaldo de Camargo é afrodescendente e um intelectual a par das vicissitudes enfrentadas pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. Por conta disso, esse autor busca transpor para o plano literário (atento também com relação à construção estética de suas obras) o drama de sua camada étnico-racial. Para frisar isso, acreditamos ser conveniente citar alguns comentários⁵ feitos por Clóvis Moura no prefácio de *A descoberta do frio*:

⁵ Estes comentários correspondem à primeira edição de *A descoberta do frio*, publicada em 1979 pelas Edições Populares. Mesmo com o falecimento de Clóvis Moura em 2003, Oswaldo de Camargo manteve o prefácio na segunda edição, a qual é a analisada nesta monografia.

[...] ele [Oswaldo de Camargo] é um escritor negro não apenas de cor, mas, fundamentalmente, pela posição em que se coloca diante dos problemas do Homem e do Mundo. (...) Oswaldo de Camargo, como negro, captou a realidade conflitante que existe (e o atinge) e, a partir daí, começou a decantar a sua criação literária. Vindo da poesia – é um ótimo poeta –, passando pelo conto, o autor entra na novela, procurando, desta forma, encontrar novas maneiras de expressão para a sua mensagem. (MOURA, 2011, p. 12).

Para Clóvis Moura, o escritor Oswaldo de Camargo é um intelectual negro preocupado em discutir os problemas vividos por sua camada étnico-racial. Isso nos evidencia que além de uma “temática”, a novela *A descoberta do frio* possui uma “autoria” afro-brasileira. Entretanto, como bem nos informa Eduardo Duarte (2008), para compreendermos essa narrativa como pertencente à Literatura Afro-Brasileira faz-se necessário que aquelas duas estejam relacionadas com as outras três “constantes discursivas”, principalmente com o “ponto de vista”. E este é exatamente o próximo aspecto que iremos discutir.

O “ponto de vista”

O “ponto de vista” é o terceiro elemento discutido por Duarte (2008). Para esse estudioso, o “ponto de vista” está estreitamente relacionado com a visão de mundo do autor e também com um “universo axiológico”, isto é, um conjunto de valores morais e ideológicos presentes no texto. Esse professor ressalta ainda que o “ponto de vista” afro-brasileiro diz respeito a

[...] uma visão de mundo própria e distinta do branco, sobretudo do branco racista, como superação de modelos europeus e de toda a assimilação cultural imposta como única via de expressão. Ao superar o discurso do colonizador em seus matizes passados e presentes, tal perspectiva configura-se enquanto *discurso de diferença* e atua como elo importante dessa cadeia discursiva que irá configurar a afrodescendência na literatura brasileira. (*ibidem*, p. 18).

Podemos compreender esse “discurso da diferença” como um posicionamento contrário ao de um grupo hegemônico. O “ponto de vista” afro-brasileiro consiste em ir de encontro ao conjunto de valores ideológicos que depreciam, menosprezam e

estigmatizam a imagem dos afrodescendentes, além de denunciar e questionar problemas socioeconômicos, políticos e culturais enfrentados por essa camada étnico/racial.

Como exemplo de obras com esse “ponto de vista”, Duarte (2008) tece alguns comentários sobre as *Trovas burlescas* (1859) de Luís Gama. Para esse estudioso, os poemas da coletânea acima citada nos evidenciam explicitamente a afrodescendência, na medida em que o eu-lírico, autoproclamado “Orfeu de Carapinha”, apela à “Musa da Guiné” e à “Musa de Azeviche”, para logo em seguida empreender uma carnavalização das elites do período. Em meio a essa análise do professor Duarte, notamos ainda que Luís Gama publica sua obra em um período de pleno auge do Romantismo Brasileiro, apropriando-se desse estilo histórico, mas transfigurando-o de acordo com seu “ponto de vista” afro-brasileiro. Acreditamos nisso, pois o eu-lírico traz como musas mulheres negras, o que não era comumente feito naquele estilo histórico, visto que as musas eram predominantemente mulheres brancas. Além dessa proposta subversiva de Luís Gama, temos um eu-lírico que se identifica como Orfeu, mas com traços fenotípicos da afrodescendência, ou seja, com um cabelo crespo.

Esse “ponto de vista”, discutido por Eduardo Duarte (2008) se aproxima da ideia de “sujeito-enunciação”, proposta por Bernd em *Introdução à literatura negra* (1988). Essa estudiosa afirma que o tema do negro sempre esteve presente na Literatura Brasileira, seja nos poemas de Gregório de Matos, na poética abolicionista de Castro Alves e até nas obras de Jorge Amado. Contudo, há um “divisor de águas”, isto é, um demarcador de fronteiras que nos possibilita conjecturar a ideia de Literatura Negra⁶. As obras dos escritores acima referidos (e tantos outros) não podem ser compreendidas como Literatura Negra, pois falta-lhes o aspecto central: um “sujeito-enunciação” que se identifica como negro. Esse é o “demarcador de fronteiras”, o que nos possibilita pensar nessa “vertente” da Literatura Brasileira. Para Bernd esse “sujeito-enunciação” é um

[...] eu lírico em busca de uma identidade negra [o qual] instaura um novo discurso – uma *semântica do protesto* – ao inverter um esquema onde ele era o Outro: aquele de quem se condoíam ou a quem criticavam. Passando de *outro* a *eu*, o negro assume na poesia sua

⁶ Ao contrário de Eduardo Duarte (2005; 2008), o qual utiliza o termo “Literatura Afro-Brasileira”, Zilá Bernd (1988) prefere a ideia de “Literatura Negra”. Neste trabalho não nos detemos a discutir qual termo seja mais adequado; propomo-nos a discutir a concepção de “Literatura Afro-Brasileira”, de Eduardo de Assis Duarte, por ser aquela mais conveniente para a elaboração desta pesquisa.

própria fala e conta a história de seu ponto de vista. Em outras palavras: esse *eu* representa uma tentativa de dar voz ao marginal, de contrapor-se aos estereótipos (negativos e positivos) de uma literatura brasileira legitimada pelas instâncias de consagração (BERND, 1988, p. 50).

Para a obra (seja em prosa ou em verso) ser compreendida como Literatura Negra é necessário que haja esse “sujeito-enunciação” negro do qual nos evidencia Bernd. Para tornar mais claro essa questão, essa estudiosa nos traz algumas considerações sobre Luís Gama (1830-1882), poeta afrodescendente que somente nas últimas décadas teve seu devido reconhecimento:

[...] na poesia de Luís Gama o poeta assume-se como outro, como aquele que é mantido pelo grupo majoritário branco numa situação de estranheza. E é este assumir-se outro – que vai determinar uma mudança de ótica na literatura brasileira – que se constitui no *novo* e que irá funcionar como *divisor de águas* para a conceituação de uma literatura negra (BERND, 1988, p. 56).

Podemos compreender a poesia de Luís Gama como Literatura Negra, pois, enquanto Castro Alves pertence a uma poética que escolheu como temática o negro e sua desafortunada condição na América, a qual criticava as “regras do jogo” que permitiam a escravidão, Luís Gama ultrapassa esse posicionamento ao ponto de questionar o “falso humanitarismo” do período, visto que a abolição foi realizada, principalmente, porque a escravidão tinha deixado de ser vantajosa economicamente para aqueles que estavam no poder (BERND, 1988).

Portanto, o assumir-se (seja o narrador ou o eu-lírico) enquanto um afro-brasileiro que se posiciona criticamente com relação ao “mundo criado pelos brancos e para os brancos”, possibilita-nos perceber uma “constante discursiva” muito importante para concebermos, juntamente com outras, a ideia de Literatura Afro-Brasileira.

Focalizando o “ponto de vista” em *A descoberta do frio* (2011), acreditamos que a afrodescendência dessa “constante discursiva” está representada, principalmente, na figura de Zé Antunes, o protagonista da narrativa. Essa personagem, “[...] [um] negro magro, alto, pixaim embaraçado por onde nunca andava pente.” (CAMARGO, 2001, p. 23), sabia da existência do “frio” e já havia tentado difundir a ameaça que pairava sobre os afrodescendentes. Contudo, seus interlocutores não atentaram para seu aviso, como podemos perceber no seguinte trecho da narrativa:

[...] quando Zé Antunes apareceu na cidade, afirmando que no País soprava um frio que só os negros sentiam e que, tinha certeza, tal frialdade, com seu gélido sopro, já fizera desaparecer um incalculável número deles, quase todos os que souberam de tal descoberta riram muito com a notícia e do seu divulgador.

Zé Antunes, porém, não recuou, mas respondeu, num desafio:

– Provo a quem quiser a existência do frio! (*ibidem*, p. 23).

Mesmo com o descrédito que muitos lhe davam, Zé Antunes permaneceu firme com o seguinte pensamento: o “frio” existe e é preciso provar sua existência para a comunidade. E este pensamento se fortaleceu ainda mais quando se soube que um caso de “frio” tinha aparecido. Era Josué Estevão, um garoto morador de rua. Após essa aparição, Zé Antunes inicia uma jornada em busca de evidências que provassem a existência dessa “doença” que afligi os(as) negros(as).

Portanto, acreditamos que há um “ponto de vista” afrodescendente em *A descoberta do frio*, visto que Zé Antunes – ciente dos padecimentos que os(as) negros(as) sofrem por causa do “frio” – busca meios para provar a existência do “frio” e, por conseguinte, conscientizar a comunidade em que vive.

A “linguagem”

O quarto fator determinante para a configuração da Literatura Afro-Brasileira é a “linguagem”. Duarte (2008) a compreende como uma discursividade específica que contempla: a reelaboração ideológica de signos linguísticos estereotipados pelo “discurso do colonizador”, a valorização de vocábulos oriundos do continente africano, e uma expressividade rítmica – exposta através de aliterações e assonâncias.

Como exemplo dessa linguagem marcada pelo “afro”, Duarte (2008) comenta dois poemas, um de Henrique Cunha Júnior (1978) e o outro de Bélsiva (1978), ambos inseridos na primeira publicação de poemas dos *Cadernos negros*. O primeiro empreende uma reversão de valores na medida em que traz em sua obra um elogio aos cabelos crespos, brincando com as palavras “enroladinhos”, “caracóis pequeninos”, “cabelos que a natureza se deu ao luxo de trabalhá-los”. O cabelo crespo visto com um olhar de inferioridade é visualizado de forma positiva a ponto de a natureza ter tido o cuidado de enrolá-los assim como faz com os caracóis. Bélsiva por sua vez, através do

ritmo e da entonação, faz de seu poema um instrumento musical africano: “Irmão, bate os atabaques / bate, bate, bate forte / bate que a arte é nossa”. A partir de um jogo de aliteração com o fonema /b/ o poeta nos traz um ritual coletivo tendo em vista a libertação dos afrodescendentes. Tendo em vista essas propostas da “linguagem”, Eduardo Duarte entende que

[...] a afro-brasilidade tornar-se-á visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonação, opções vocabulares e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem o sabemos, não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia. Termos como negro, negra, crioulo ou mulata, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da “cordialidade” que caracteriza o racismo à brasileira (*ibidem*, p. 18).

Acreditamos que a “linguagem” é um elemento importante para a Literatura Afro-Brasileira. Entretanto, faz-se necessário que tudo isso seja construído e elaborado artisticamente, pois no intuito de combater o preconceito racial e o eurocentrismo, muitos escritores podem, inconscientemente, deixar de produzir literatura em detrimento de outro tipo de texto: o panfleto, de cunho social e político.

No que diz respeito à linguagem em *A descoberta do frio*, notamos uma preocupação com a construção estética da narrativa, visto que o autor transveste o racismo a partir de uma metáfora bem elaborada, o “frio”. Com relação aos étimos de origem africana, eles estão presentes na novela. Contudo, pela dificuldade de encontrar registros que nos respaldassem sobre a etimologia dos vocábulos, destacamos apenas cinco termos, a saber: malungo⁷, banzo⁸, zabumba⁹, ainhum¹⁰ e subiá¹¹. Ressaltamos

⁷ “[De quimbundo *ma ‘luga*, ‘camarada, companheiro’ ou do quicongo *ma lungu*, ‘no mesmo navio’]. 1. Camarada, companheiro; 2. Título que os escravos africanos davam àqueles que tinham vindo da África no mesmo navio; 3. *Bras. Irmão colaço ou irmão de criação*” (FERREIRA, 2009, p. 1258).

⁸ “(Derivação de banzar – do quimbundo *kubanza*): Nostalgia mortal que atacava os negros trazidos escravizados da África” (*ibidem*, p. 264).

⁹ “S.m.: Bombo. Etim.: *termo africano cujo radical parece ser o conguês bumba, bater. G. Viana aproxima do espanhol zambomba (Apost., I, p. 157). É termo popular e muito usado na roça onde o Carnaval se caracteriza pelo zabumba*” (MENDONÇA, 2012, p. 172-173).

¹⁰ “[Do iorubá = ‘serrar’]. *Bras. Med. Doença originária da África, muito frequente nos antigos escravos, caracterizada pelo espessamento progressivo da pele e conseqüentemente formação, à volta da base de um ou mais dedos do pé, dum anel fibroso, que termina decepando-os*” (FERREIRA, 2009, p. 78).

¹¹ Segundo o médico Octávio Freitas (1935), o subiá era a forma como os negros, especificamente aqueles situados em Minas Gerais, denominavam a dracunculose, conhecida popularmente no Brasil como “Bicho das Costas”. Segundo esse estudioso, “tão flagrantes, tão concisos, tão exatos são os

esses dois últimos vocábulos pelo fato de serem algumas das doenças que o narrador relaciona com o “frio”:

A suifa, o **ainhum**, o **subiá**, o dracúnculo deceparam dedos de escravo, roeram-lhe os lábios, derrotaram, em muitos, a pretidão da pele, tornada esbranquiçada e morta pela molestação.
Agora, é o frio, grudento no corpo e na alma de um garoto, sob tutela do silêncio e da inteira obscuridade (CAMARGO, 2011, p. 49, grifo nosso).

Para o narrador, assim como a suifa, o ainhum, o subiá e o dracúnculo¹² tinham fustigado os afrodescendentes escravizados, desta vez era o “frio” que estava a flagelar essa camada étnico/racial. É interessante como a narrativa se apropria daquelas doenças – um aspecto real – transformando-as em um adendo para a sua construção ficcional. Portanto, acreditamos que *A descoberta do frio*, ao inserir no tecido da narrativa étimos de origem africana e ao discutir o racismo por meio do “frio”, apresenta uma “linguagem” afro-brasileira.

O “público leitor”

O último elemento discutido em *Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção* é o “público leitor”. Com relação a esse elemento, Duarte (2008) afirma que aos afrodescendentes:

[...] duas tarefas se impõe: primeiro, a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor, tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários propostos para a população afrodescendente; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo muitas vezes maniqueísta do panfleto. (*ibidem*, p. 21).

Duarte (2008) afirma que a formação de um público afrodescendente, com vistas a uma afirmação identitária, já se faz presente no Teatro Experimental do Negro (TEN) de Abdias Nascimento, nos textos de Solano Trindade, Oswaldo de Camargo e de tantos

documentos que exibem aqueles que têm tomado o Bicho da Costa para o estudo que não pode haver controvérsia de espécie alguma sobre este ponto: – A dracunculose é doença genuinamente africana” (FREITAS, 1935, p. 116).

¹² Para o narrador subiá e dracúnculo são doenças diferentes.

outros escritores afro-brasileiros. Essa proposta baseia-se no fato de que o artista constrói seu texto não apenas para atingir um grupo específico da população, mas também porque ele, enquanto escritor, se identifica como “porta voz” de um determinado segmento da sociedade. Por conta disso, os escritores afro-brasileiros se lançam a reverter valores e combater estereótipos na medida em que eles compreendem o papel social da literatura na “[...] construção da autoestima dos afrodescendentes” (*ibidem*, p. 20).

Com relação à obra de Oswaldo de Camargo, *A descoberta do frio*, acreditamos que a narrativa se apresenta para um público em geral, mas também para um público leitor específico – os afrodescendentes. Acreditamos nisso, pois a narrativa busca conscientizar o leitor sobre a existência de um “racismo velado” presente na sociedade brasileira contemporânea.

Além de discutir as discriminações e os preconceitos, caracterizados como um “frio”, a obra de Camargo alerta também sobre o pensamento que nega a existência dessa “ameaça glacial”. A narrativa nos evidencia que essa “concepção ingênua” é compartilhada não apenas pela “população branca”, mas também pela “população negra”. Podemos perceber isso na fala de vários personagens afrodescendentes. Citamos uma delas, José Leopoldino:

– Excelência Reverendíssima! Não existe o frio! Não existem os casos de frio! Zé Antunes impressionou alguns, falou aos jornais, abriu os braços nas praças, nas ruas, empurrando a voz até os ouvidos da cidade. Apareceu, então, o primeiro caso de frio (*ibidem*, p. 100).

Os integrantes do Movimento Participação Negra¹³, juntamente com Pe Jubileu e Dom Geraldo, marcaram uma reunião para discutir a presença do “frio” na cidade. Nesse encontro, José Leopoldino, integrante daquele grupo, prontificou-se a afirmar que não existia o “frio”. Para essa personagem essa ameaça só existia no discurso de Zé Antunes. Por conseguinte, ao apresentar personagens afrodescendentes que desconhecem a existência do “frio” ou que negam essa situação na sociedade em que vivem, acreditamos ser *A descoberta do frio* uma obra endereçada a um público em geral, a “população branca”, mas também a um público específico, a “população negra”.

¹³ Esse grupo era conhecido na cidade por ser composto por afrodescendentes, na maioria com idade acima dos sessenta anos.

Considerações finais

A possibilidade de existir a literatura afro-brasileira não é bem acolhida por vários estudiosos, entretanto, como foi exposta no início deste artigo, essa literatura está presente desde a formação de nossas letras nacionais. Por conta disso, acreditamos ser oportuno trazer para o palco das discussões acadêmicas essa vertente da literatura brasileira.

Ao analisarmos a novela *A descoberta do frio*, por meio das “constantes discursivas” propostas por Duarte (2008) – “temática”, “autoria”, “ponto de vista”, “linguagem” e “público leitor” –, percebemos não somente a presença desses aspectos na narrativa, mas também uma interação entre eles, o que nos possibilita afirmar que a narrativa está inserida na literatura afro-brasileira.

Referências

- BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CUTI [Luiz Silva]. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afrodescendência. In: _____. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALE-UFMG: 2005, p. 113-131. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/>>. Acesso em 13 de nov. de 2012.
- _____. Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 11-23.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.
- FREITAS, Octavio. **Doenças Africanas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1935. Disponível em <<http://www.brasiliana.com.br/obras/doencas-africanas-no-brasil>>. Acesso em 12 de fev. de 2013.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em <http://www.funag.gov.br/biblioteca/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=592&Itemid=41>. Acesso em 24 de fev. de 2013.

MOURA, Clóvis. Prefácio. In: CAMARGO, Oswaldo. **A descoberta do frio**. São Paulo, Cotia: Ateliê Editorial, 2011, p. 11-17.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afrodescendência em *Cadernos Negros* e *Jornal do MNU***. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.